

# Electricidade

## EDITORIAL

O 2.º Congresso da Indústria Portuguesa a realizar em Maio deste ano, vem na ocasião oportuna. Tem um duplo objectivo: por um lado, realizar um exame de consciência para se cotejar o que se fez com o que se devia ter feito, aplaudindo sem reservas o que fôr bom e criticando sem hesitação o que fôr mau; por outro lado, traçar planos para o futuro, procurando remédios para o que não está bem e buscando o exemplo no que os outros são e que nós poderemos ser.

A economia portuguesa, em plena evolução, não atingiu ainda a maturidade que a actual conjuntura exige: o espantoso sopro da industrialização que percorre o mundo, a convicção íntima de que um país só pode ser grande quando tiver uma indústria forte e próspera, porque esta é a condição imprescindível para a elevação do nível de vida, não permitem delongas nem hesitações; é preciso meter mãos à obra e conseguir recuperar o atraso em que nos encontramos.

A citação de determinados índices, tomados isoladamente e sem comentário, tem, porém, significado limitado. Examinemos, por exemplo, o que se passa com a energia eléctrica. O consumo específico médio português registado em 1955 foi de 206 kWh por habitante. Comparado com outros países, este valor é baixo: com efeito, segundo o Boletim Anual de Estatísticas da Energia Eléctrica para a Europa, publicado pela Comissão Económica para a Europa os consumos específicos de alguns países em 1955 foram:

Grécia .....	142	França .....	1.019
Jugoslávia .....	206	Bélgica .....	1.177
Polónia .....	545	Inglaterra .....	1.582
Dinamarca .....	719	Suíssa .....	2.449
Holanda .....	920	Estados Unidos	3.455

A simples comparação destes números levar-nos-ia à desoladora ideia duma situação de irremediável atraso. A realidade, porém, é diferente. Assim, se examinarmos a variação do consumo específico de 1938 até 1955 nestes países e em Portugal, obtemos os seguintes índices: (cociente entre o valor de 1955 e o de 1938):

Bélgica .....	2,06	Inglaterra .....	2,60
Suíssa .....	2,16	Grécia .....	2,63
Holanda .....	2,52	Estados Unidos	3,56
Dinamarca .....	2,53	Portugal .....	3,82
França .....	2,55		

O simples exame destes números permite-nos inferir que o nosso ritmo de expansão se realiza a taxa superior à da maioria dos países da Europa e quase igual à dos Estados Unidos, o que significa uma recuperação que nos levará certamente a posição aceitável dentro de alguns anos.

É por isso que não chega afirmar que Portugal tem posição baixa no conceito económico das nações: é preciso estudar a evolução havida, para daí adquirir a certeza de que poderemos melhorar sensivelmente se trabalharmos com fé, energia e perseverança. O problema, aliás, é fundamentalmente de mentalidade: a grei lusíada, avessa à disciplina e ao enquadramento exigido pelo desenvolvimento industrial, sem espírito colectivo, é mais atreita ao esforço individual e momentâneo do que ao trabalho de cooperação, ignorado, obscuro e lento, em que todos se dedicam ao mesmo fim e em que todos partilham da glória final da vitória alcançada.

O 2.º Congresso da Indústria Portuguesa pode e deve contribuir decisivamente para a criação desta nova mentalidade; se o conseguir, prestará, sem qualquer dúvida, um alto serviço à Nação.